O HISSOPE

Argumento°

José Carlos de Lara°, Deão da[1] santa Igreja[2] de[3] Elvas, querendo obsequiar[4] o[5] seu Bispo, o Excelentíssimo[6] e Reverendíssimo[7] D.[8] Lourenço de Lancastro°[9], vinha oferecer-lhe[10] o hissope[11] à porta da casa[12] do cabido todas as vezes que este prelado[13] ia exercitar[14] as[15] suas funções na sé[16]. Depois[17], esfriando[18] esta amizade[19] por motivos que nos[20] são ocultos, mudou o dito[21] Deão de sistema, o que o Bispo sentiu em extremo[22] como uma grande[23] afronta feita à sua ilustríssima pessoa. E para o obrigar[24] a continuar no mesmo obséquio[25], maquinou com alguns seus[26] parciais do[27] cabido que este lavrasse[28] um acórdão pelo qual o Deão[29] fosse obrigado, debaixo[30] de certas multas, a não o esbulhar[31] da pertendida°[32] posse em que se achava. Deste terrível[33] acórdão apelou o Deão para a metrópole[34], onde[35] teve sentença contra si[36]. Esta é a acção[37] do poema.

Passado pouco tempo[38] depois[39] da referida sentença, morreu o Deão[40] e lhe[41] sucedeu no deado[42] um sobrinho seu[43] chamado Inácio[44] Joaquim Alberto

---

° *Argumento*: "Vários motivos impeliram António Dinis à composição do poema do *Hissope*: 1.° – a instigação de alguns amigos de Elvas, com quem conversava todas as noites em casa de seu vizinho António Caetano Falcato, os quais rindo da grande questão entre o Bispo e o Deão trouxeram à memória a outra da mesma índole que serviu de assunto ao *Lutrin* de Boileau; 2.° – o despique da indiferença, por não dizer desprezo, com que o mesmo António Dinis era tratado pelo Bispo, que taxando-o de poeta não fazia do seu merecimento o caso que de justiça devia, nem o chamava aos solenes jantares para que costumava convidar os outros ministros da cidade e comarca; 3.o – finalmente a aversão a alguns procedimentos despóticos e usurpações da Jurisdição Real, em que o dito prelado incorria, menos por génio e por princípios do que por maus conselhos. Acautele-se porém o leitor de acreditar tudo quanto ler sobre os diferentes caracteres dos que figuram no poema sem o desconto que se deve dar ao encarecimento, particularmente pelo que respeita ao Bispo. As presentes observações farão ver em abono da verdade e obséquio da justiça que os defeitos deste herói do poema, defeitos a que a humanidade está sujeita, não excluíam as suas boas qualidades morais e civis, nem o bom serviço que prestou à Igreja de Elvas." [*OP*: 135]

° *José Carlos de Lara*: Deão da Sé de Elvas.

° *D. Lourenço de Lancastro*: Bispo de Elvas, descendente de D. João II, ainda que por via bastarda.

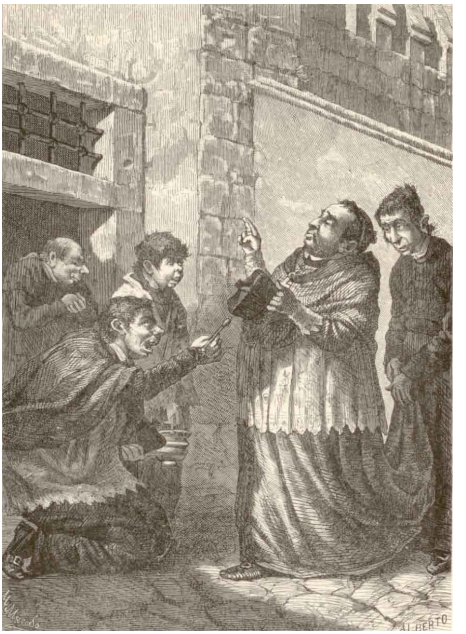
° *pertendida*: pretendida.

de Matos°[45], o qual, recusando[46] sujeitar-se[47], como seu tio[48], ao sobredito encargo[49], foi pelo Bispo asperamente repreendido e ameaçado[50]. Então, interpôs[51] o mesmo[52] um recurso para o tribunal da coroa[53] que, mandando ao Bispo dar[54] a[55] razão[56] do seu procedimento[57], este[58], cheio[59] dum[60] terror pânico[61], desistindo[62] da imaginada posse, negou[63] haver tal acórdão[64] e tudo quanto tinha obrado a este respeito. Tudo isto dá matéria ao vaticínio[65] de[66] Abracadabro°[67] e[68] é[69] um dos episódios de que se reveste o presente poema[70].

° *Inácio Joaquim Alberto de Matos*: sobrinho do deão José Carlos de Lara.

° *Abracadabro*: Mago que acabará por vaticinar a derrota de José Carlos de Lara e a posterior vitória do sobrinho.

O HISSOPE°
Poema heróico-cómico°



° *O Hissope*: "Este bem conhecido instrumento da aspersão da água benta nos templos dos cristãos católicos é derivado de hissopo, erva medicinal, com um molho da qual se faziam na antiga Lei as aspersões mundificativas de que se faz menção no *Êxodo* Cap. 12 e 52, *Números* Cap. 19 v. 18, e *Salmos* 50 v. 9." [*OP*: 136]

° *Poema heróico-cómico*: "Sobre esta qualidade mestiça de poema, com que o nosso poeta o intitula à imitação do *Lutrin*, traduziremos aqui parte da observação de Monsieur de Saint-Marc a este respeito entre as que fez a este ultimo: 'Somente depois da edição de 1701 – diz ele – é que o *Lutrin* apareceu com o título de poema heróico-cómico à imitação da *Secchia Rapita*, intitulado pelo seu autor poema heróico-cómico.

Mas esta denominação convém da mesma sorte ao *Lutrin* que a *Secchia Rapita*? Esta última obra contém, diz a prefação do mesmo Tassoni, uma empresa meio heróica e meio cómica, fundada sobre a história da guerra acontecida entre os bolonheses e os modeneses no tempo do Imperador Federico II, na qual Enzio Rei de Sardenha, filho do mesmo Federico, combatendo em socorro dos modeneses, ficou prisioneiro, e antes de ser restituído à liberdade morreu em Bolonha. Toda a guerra entre dous estados é certamente um assunto heróico; a que houve entre os bolonheses e modeneses só ficou servindo de assunto cómico pelo motivo ridículo que a tradição popular lhe atribui. Ela foi empreendida, dizem, da parte dos bolonheses para recuperarem um balde de madeira de faia que alguns modeneses haviam levado furtivamente de um poço público da cidade de Bolonha. Entre os personagens deste mesmo poema há alguns puramente heróicos, outros meramente cómicos e outros de um carácter misto. O estilo é sério ou jovial, nobre ou baixo, heróico ou burlesco conforme a matéria que o autor quer expressar, o qual sabe sempre manejar com dextridade a passagem de um a outro extremo. Esta mistura forma incontestavelmente um verdadeiro poema heróico-cómico. Todas [estas] vantagens se acham reunidas no *Lutrin*? Eu não tenho nem o vagar nem a vontade de concluir o paralelo, e me remeto aos leitores, bastando-me o tê-los posto em caminho para julgarem. Contentar-me-ei, pois, de dizer que Monsieur Despreaux teria feito melhor se desse simplesmente o nome de poema épico ao seu *Lutrin*, o qual realmente é uma epopeia, como tinha praticado na primeira edição e nas mais que se lhe seguirão até 1701, do que denominá-lo poema heróico-cómico. Talvez se livrasse da censura que uma falsa denominação constituiu a Des Marets em direito de fazer-lhe, a página 106 da sua *Defensa do Poema Heróico*: o poeta julgou que ele faria um poema bem novo e bem maravilhoso tratando em versos magníficos um assunto ridículo. Muitas vezes se lhe ouviu dizer que os outros faziam o heróico ridículo, porém que ele fazia o ridículo heróico. Mas ele mesmo se enganou grandemente transgredindo a regra de Horácio, *Art. Poetic.*, verso 89, 'Versibus exponi tragicis res comica non vult'." [*OP*: 136-137]

CANTO PRIMEIRO

Eu canto o Bispo° e a espantosa guerra
Que o hissope excitou na Igreja d' Elvas°.

° *Eu canto o Bispo*: "A palavra bispo deriva do grego επι κοποσ, significa vigiador, especulador ou inspector. Os atenienses davam este nome ao encargo daqueles enviados às províncias da sua sujeição para examinarem se tudo se passava em conformidade da ordem estabelecida. Os romanos alatinizaram este termo, aplicando-o aos inspectores do pão e dos outros usuais, como se vê do *Digesto tit. de Muneribus et honoribus*, L. 18 §o *7*: 'Item Episcopi, qui praesunt pari, et caeteris venalibus rebus, quae civitatum populis ad quotidianum victum usi sunt, etc.' E é neste sentido que Pompeu quis que Cícero fosse bispo de Campania, como este declara em uma das epístolas que escreveu a Ático (é a 11ª do Livro *7º*): 'vult enim Pompeius me esse, quem tota haec Campania, et maritima ore habeat Episcopum'. Na igreja primitiva o nome de bispo era comum aos sacerdotes; depois ficou privativo dos sucessores dos apóstolos." [*OP*: 138]

° *Igreja d'Elvas*: "Esta igreja foi erigida em catedral por Pio V à instância d' el-rei dom Sebastião no ano de 1570. Foi o seu primeiro bispo D. António Mendes de Carvalho, abade em uma abadia do padroado Real, a quem os jesuítas seus amigos fizeram bispo por intervenção de Martim Gonçalves da Câmara, valido do referido monarca; foi sagrado em Setembro de 1671. Daquele tempo até o do nosso bispo governaram a dita igreja dezessete prelados (não falando em D. Fernando de Faro, que não a chegou a governar) a saber: D. António Mendes de Carvalho, D. António Matos de Noronha, D. Rui Pires da Veiga, D. Lourenço de Távora, D. Sebastião de Matos de Noronha, D. Manuel da Cunha, D. João de Melo, D. Alexandre da Silva, D. Fr. Valério de S. Raimundo, D. Jerónimo Soares, D. Bento de Beja de Noronha, D António Pereira

Musa°, tu que nas margens aprazíveis
Que o Sena borda d' árvores viçosas°
Do famoso Boeló° a fértil mente
Inflamaste benigna, tu me inflama,
Tu me lembra° o motivo, tu as causas,
Por que a tanto furor, a tanta raiva,
Chegaram o prelado e o seu cabido.
Nos vastos intermúndios d' Epicuro°
O grão país se estende das Quimeras,
Que habita imenso povo, diferente
Nos costumes, no gesto e na linguagem.

---

da Silva, D. Pedro de Lencastre, Dom João de Sousa de Castelobranco, D. Pedro de Faria Vilasboas e Sampaio, D. Baltasar de Faria Vilasboas e Sampaio, D. Lourenço de Lancastro." [*OP*: 138-139]

° *Musa*: "'Muse, redis moi donc, quelle ardeur de vengeance de ses homes sacrés rompit l'intelligence', diz Boileau nos versos 9º e 10º do *Lutrin*. Mas ele, assim como o nosso poeta, parece que deviam ir coerentes com a natureza e título dos seus poemas heróico-cómicos, invocando as musas, subentendidas Melpómene ou mais propriamente Calíope e Talia, e não uma só musa." [*OP*: 139]

° *Que o Sena borda d' árvores viçosas*: "Este rio, que tem o seu nascimento em Borgonha, e entra no mar junto de Havre de Grace, leva a sua corrente por dentro da capital da França, aonde viveu Boileau." [*OP*: 139]

° *Boeló*: "Nicolau Boileau Despreaux, um dos quarenta da Academia Francesa, nasce no 1.° de Novembro de 1636 e morreu a 11 de Março de 1711." [*OP*: 139]

° *Tu me lembra*: "'Musa mihi causas memora, etc.' Imitado de Virgílio, *Aeneida*, Livro 1.°, verso 8°." [*OP*: 139]

° *Nos vastos intermúndios d' Epicuro*: "Epicuro Ateniense, que nasceu 341 anos de Cristo, foi o autor do sistema atomístico, segundo o qual de inumeráveis átomos de diferente figura, tamanho e peso, que caindo em um infinito vácuo, e declinando da linha recta, se unem e prendem entre si por um concurso fortuito, nasciam diferentes corpúsculos, e destes, por diversos modos combinados, se formavam e configuravam não só todas as cousas existentes, sem exceptuar a alma do homem, mas também infinitos mundos que existiam e haviam de existir. Nestes espaços, pois, infinitos e vazios que mediavam entre os mundos de Epicuro – [em] que este filósofo colocou os seus deuses eternos e bem aventurados, posto que de natureza corpórea -, é neles que o nosso poeta imagina o país das quimeras, regido pelo Nume Tutelar das Bagatelas com a sua corte composta de outras divindades do mesmo lote, ainda que subalternas, com a diferença porém que os deuses de Epicuro eram indolentes, e as divindades que constituem o maravilhoso deste poema, tais como a Excelência e a Senhoria, são activas, solícitas e sujeitas a paixões que não são compatíveis com a vida beata dos deuses epicúreos." [*OP*: 139-140]

Aqui nasceu a Moda, e daqui manda
Aos vaidosos mortais as várias formas
De seges, de vestidos, de toucados,
De jogos, de banquetes, de palavras,
Único emprego de cabeças ocas.
Trezentas belas caprichosas filhas
Presumidas a cercam e se ocupam
Em buscar novas artes de adornar-se.
Aqui seu berço teve a espinhosa
Escolástica, vã filosofia°
Que os claustros inundou e que abraçaram
Até à morte os pérfidos Solipsos°.
Daqui saíram a infestar os campos
Da bela poesia os anagramas,

° *Escolástica vã filosofia*: "A filosofia sarraceno-peripatética, que por muitos séculos gozou de uma autoridade exclusiva, foi um aborto das ineptas versões dos livros de Aristóteles do arábico para o latim por homens que não tinham perfeita inteligência de uma e outra linguagem. Sendo primeiramente ensinada nas Universidades de Paris e Oxford, foi progressivamente abraçado o mal entendido e desfigurado Aristóteles por todo o resto da Europa. Teve, porém, vária fortuna em diferentes séculos este *jargon* filosófico. Nasceu no fim do [século] XI, vegeta grandemente desde o meio do século XIII até o meio do XIV; e deste tempo até o meio do século XV foi decaindo, influindo não pouco nesta decadência a tomada de Constantinópola por Maomé II, o qual afugentando daquela cidade os homens doutos, e atraídos estes a Roma e Florença pelo bom acolhimento do Papa Nicolau V e da casa de Médicis, toda a Literatura se difundiu rapidamente pelo Ocidente, promovendo aquele e esta as genuínas versões dos livros gregos. Foi, pois, no século XVI, e daí por diante, total a mudança que houve na filosofia: a peripatética principiou a ser deduzida, não das impuras fontes onde até então era bebida, mas dos verdadeiros princípios de Aristóteles. Depois, no [século] XVII começaram os homens a seguir a filosofia chamada ecléctica, deixando de jurar *in verba Magistri*, e sem lhes importar Aristóteles, Platão ou qualquer outro; aparecendo por último Francisco Bacon, Gassendo, Descartes, o grande Newton, Leibniz e vários outros." [*OP*: 140-141]

° *pérfidos Solipsos*: "Não obstante o que fica ponderado na observação antecedente e que no século XVII os mesmos jesuítas de França e os de alguns outros países da Europa tivessem finalmente desistido da guerra que haviam declarado aos filosóficos modernos com a imputação de jansenismo, os jesuítas de Portugal, empenhados em perpetuar a ignorância da mocidade cuja instrução lhes estava confiada, teimaram até a data da sua extinção uma lógica que não passava de mera arte silogística vã, inútil e intrincadíssima; uma física não estabelecida em princípios certos e claros, ou da experiência, mas da interpretação de Aristóteles por Avernes, que consistia em termos

Labirintos, acrósticos, segures°,
E mil espécies de medonhos monstros
A cuja vista as musas espantadas°,
Largando os instrumentos, se esconderam
Longo tempo nas grutas do Parnaso°.
Aqui, cousa° piedosa, alçou a fronte
A insípida Burleta°, que, tirana
Do teatro, desterra indignamente
Melpómene e Talia°, e que recebe

---

gerais e obscuros sobre causas, princípios, formas, etc.; e finalmente, uma metafísica que não era a do sobredito Aristóteles, que se não sabe dizer em que consistia. É verdade que, como o poeta diz, os outros claustros eram inundados do mesmo gosto filosófico. Pelo que respeita à antonomásia de *solipsos*, com que são caracterizados os da Companhia de Jesus, esta palavra, que parece formada por dous termos latinos, *solus* e *ipse*, foi inventada para expressar energicamente o génio egoístico e a exaltada ambição daquela Sociedade, ou fossem os autores desta invenção Melchior Inchofar e Júlio Clemente Scorti, ambos jesuítas egressos, em uma sátira impressa em Holanda, ou antes por Gaspar Scioppio, inimigo implacável dos jesuítas, como se colige de uma Epístola de Sebastião Stadellio intitulada *De circumforanea Litteratorum vanitate*, que anda junta à obra de Menkenius *De Charlatanaria eruditorum*. Quanto ao epíteto *pérfidos*. Tendo passado em julgado quanto se escreveu no relatório da Sentença de 12 de Janeiro de 1759, que corre impressa, o nosso poeta não fez injúria nessa qualificação a estes ingratíssimos regulares, estando pela confissão do seu consócio João de Lucena, o qual na *Vida de S. Francisco Xavier*, Liv.o 1.°, Cap. 10º, pág. 38 da edição de 1600, se explica pelas seguintes formais palavras: 'Seríamos mui ingratos se, depois de Deus e da santa memória do Papa Paulo III, não reconhecêssemos como primeiros e maiores os benefícios e mercês que da Coroa e Casa Real de Portugal recebeu toda esta mínima Companhia'." [*OP*: 141-142]

° *anagramas / Labirintos, acrósticos, segures*: "O primeiro que suscitou o uso dos anagramas, ainda que com muita parcimónia, foi Aurato ou Dorato, um dos distintos homens de letras do século décimo sexto. Porém, logo vários ignorantes distituídos de engenho poético principiaram a querer brilhar falsa e imoderadamente por estas inversões de nomes; e contanto que produzissem algum vistoso esquema, nada lhes importava que esta figura não tivesse mais do que um sentido imperfeito, ridículo e às vezes nenhum. Do mesmo lote eram os labirintos, os acrósticos, os versos quadrados, cúbicos, retrógrados, os formatos em figura de machadinha, de cruz, de asa e outras inépcias que foram no século décimo sétimo meio do gosto espanhol e português e ainda alemão; empregando-se nelas principalmente o ócio de alguns frades, como o de certo carmelita pedante que encheu um livro de toda a ferragem destas quinquilharias poéticas com o título de *Poesis artificiosa*." [*OP*: 142-143]

° *Parnaso*: Montanha da Fócida, na Grécia Antiga.

° *cousa*: coisa.